LIVROS

REVOLUÇÃO CULTURAL E ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL NA CHINA

Charles Bettelheim
Trad. de *Rita Lima*
Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, 177p.

O público leitor brasileiro já conhece de algum tempo as análises econômicas, políticas e históricas de Charles Bettelheim. Os seus estudos sobre planificação econômica e políticas de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo foram editados em diferentes épocas e tiveram ampla repercussão. O mais instigante de sua obra, contudo, são os seus estudos e investigações a respeito da história concreta dos países revolucionários, principalmente a União Soviética e a República Popular da China.

Em seu livro recém-lançado, *Revolução Cultural e Organização Industrial na China* — resultado de uma pesquisa *in loco* numa empresa fabril de Beijing, Bettelheim avança algumas importantes considerações sobre um dos acontecimentos revolucionários de nosso tempo: a Grande Revolução Cultural Proletária.

"Uma grande confusão reina sob os céus", dizem os chineses, à sua maneira metafórica, quando se referem à conjuntura internacional.

À crise extremamente aguda por que passa o mundo industrial capitalista, e que alguns observadores afirmam tratar-se da terceira crise geral do imperialismo neste século, veio se somar uma outra crise, que não data de ontem, mas que se aproxima de um momento crucial de sua história: a crise do movimento comunista e as graves contradições que afetam hoje a totalidade dos países socialistas.

Como resultado, temos assistido aos mais vastos realinhamentos políticos no cenário mundial, desde o último período entre-guerras. De um lado, rebeliões populares e outras formas assumidas pela crise política no Terceiro Mundo têm levado à derrocada todo um sistema de regimes gerados à sombra da superpotência americana. Por outro lado, observa-se igualmente a cres-

cente instabilidade dos regimes socialistas, que se reflete tanto nos impasses vividos pelos partidos comunistas dos países capitalistas avançados, quanto no confronto aberto entre os vários Estados socialistas (da Europa ao Extremo-Oriente).

A crise do mundo socialista tem crescido de vulto desde que os dois Estados representantes principais do mundo socialista, China e União Soviética, passaram a se confrontar praticamente em todos os campos — econômico, político, ideológico e militar. No sudoeste da Ásia, os canhões vez ou outra voltam a troar: os antigos aliados na guerra contra a ocupação americana estão hoje em confronto quase permanente e total. A escalada da nova guerra asiática, que começou com o conflito e a posterior invasão do Camboja pelas tropas do Vietnam, na esteira de um pacto de assistência militar com a União Soviética, chegou até a uma guerra entre a China e o Vietnam. Uma seqüência de medidas foram tomadas pelos dirigentes vietnamitas contra as minorias chinesas, inclusive recorrendo à legislação draconiana dos tempos de Ngô Dinh Diem, discriminatória dos *Hoa* (como são chamados os vietnamitas de descendência chinesa), ampliando ao máximo a crise e conseguindo reviver o multissecular conflito étnico e nacional.

Em meio a todo esse processo, em que efetivamente se assiste à crise geral de um sistema político e seus efeitos — o modelo centralista, burocrático e elitista gerado pelo stalinismo e suas variantes de direita e de esquerda —, é fundamental que se investigue a formação desse sistema de Estados e as formas tendenciais que tomou; enfim, suas invenções históricas.

Ora, a Revolução Cultural — desde que se afaste um pouco da tendência a enfatizar os motivos de estranheza que um processo cultural e político, de um povo tão desenvolvido historicamente como os chineses, pode apresentar a um observador estrangeiro — deve ser analisada como uma dessas experiências centrais do socialismo contemporâneo.

O que sobressai dessas análises mostra que a Revolução Cultural, entre todas as experiências muitas vezes dramáticas e surpreendentes que o mundo socialista apresenta, foi a que mais profundamente buscou alternativas aos impasses acumulados no período histórico dominado pelo evolucionismo e economicismo da social-democracia européia e suas conseqüências e nas formas tendenciais do stalinismo e do pós-stalinismo.

A Revolução Cultural revelou com um máximo de radicalidade possível (a exemplo de um acontecimento histórico como a Comuna de Paris) os problemas que marcaram de forma negativa as experiências dos socialismos existentes: a manutenção e reprodução de relações político-ideológicas herdadas do período pré-revolucionário, desde a divisão social do trabalho, baseada na divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, à continuidade das velhas clivagens entre dirigentes e dirigidos, governantes e governados. São questões cujo enfrentamento e solução possível passam por transformações sociais profundas na estrutura desses países e condicionam desde hoje o quadro de sua evolução histórica. Mais do que isso: elas condicionam até mesmo a evolução dos países capitalistas avançados, onde as alternativas revolucionárias se debatem em torno da criação de uma nova sociedade que não reproduza os mesmos limites e impasses até aqui apresentados por essas formas históricas.

O livro de Bettelheim, além de estudar os efeitos positivos da política de revolucionarização das relações de trabalho no interior da organização industrial chinesa, discute as teses de Mao sobre a transição, e que se expressam na sua teoria sobre a continuidade da revolução sob a revolução. A análise é, inclusive, atualizada, com um pós-escrito redigido pelo autor para a edição brasileira, no qual critica a política desenvolvida pela direção do partido comunista chinês no período aberto com a morte de Mao e com as mudanças políticas operadas desde então.

Severino Bezerra Cabral Filho